
CRISE CAPITALISTA: BREVES APONTAMENTOS

CRISIS CAPITALISTA: BREVES ANOTACIONES

CAPITALIST CRISIS: BRIEF REMARKS

José Claudinei Lombardi¹

Resumo: Partindo da localização conjuntural da teoria das crises e da conseqüente teoria das revoluções produzida por Marx e Engels para a análise da gênese, desenvolvimento e morte do capitalismo, realiza-se um balanço dos embates históricos, a partir dos quais as relações de produção capitalistas mantêm-se hegemônicas no século XX e XXI. No mesmo cenário, faz-se uma síntese dos debates sobre a crise estrutural do capitalismo nos últimos anos, enfatizando-se sua gravidade e relevância histórica. Destaca-se que o comunismo não é uma idéia que tem que ser implantada, mas é uma realidade a ser construída por homens reais, em lutas, conquistas e derrotas. A revolução de um modo de produção não se faz por si, ou por decreto, mas é produto do trabalho de homens organizados. Anuncia-se que o amadurecimento da luta pode conduzir à formação de uma frente ampla que articule as forças anticapitalistas e revolucionárias. Destaca-se a necessidade de organização estratégica e tática em busca da superação da lógica do capital, e o papel que cabe aos trabalhadores da educação cumprir: expandir e aprofundar o debate.

Palavras-chave: Marx, Karl; Engels, Friedrich; Teoria das Crises; Conjuntura; Revolução; Educação.

Resumen: Partiendo de una ubicación de conjuntura de la Teoría de las crisis y de la consiguiente teoría de las revoluciones, producidas por Marx y Engels para el análisis de la génesis, desarrollo y muerte del capitalismo, se realiza un balance de los embates históricos, a partir de los cuales las relaciones de producción capitalista se mantienen hegemónicas en el siglo XX y XXI. En el mismo escenario se realiza una síntesis de los debates sobre la crisis estructural del capitalismo en los últimos años, dando énfasis a su gravedad y relevancia histórica. Se destaca el hecho de que el comunismo no es una idea que debe ser implantada, sino una realidad que debe ser construída por hombres reales, a través de luchas, conquistas y derrotas. La revolución de un modo de producción no se hace por sí misma, o por decreto, sino que es producto del trabajo de hombres organizados. Se anuncia que la madurez de la lucha puede llevar a la formación de un frente amplio que articule las fuerzas anticapitalistas y revolucionarias. Se destaca la necesidad de organización estratégica y táctica em busca de la superación de la lógica del capital, así como el papel que les cabe cumplir a los trabajadores de la educación: expandir y profundizar el debate.

Palabras clave: Marx, Karl; Engels, Friedrich; Teoria de las crisis; Conyuntura; Revolución; Educación.

Abstract: Based on the joint context of the theory of crises and the resultant theory of revolutions of Marx and Engels for the analysis of the genesis, development and death of Capitalism, a summary of the historical confronts from which relations of capital have been hegemonic in the XX and XXI centuries is presented. Within this same context, a synthesis of the debates on the structural crisis of Capitalism in the past years is made with an emphasis on its relevance and seriousness in history. It is emphasized that communism is not an idea to be implemented but a reality to be constructed by real men in struggles, conquests and defeats. The revolution of a way of production is not made by itself or by decree, but it is in fact the product of organized men. It is claimed that the maturing of a struggle may lead to the formation of a wide front to articulate anti-capitalist and revolutionary forces. It is observed the need for a tactic and strategic organization to overcome the logics of the Capital and the role each educationalist must play to expand and deepen the debate.

Key words: Marx, Karl; Engels, Friedrich; Theory of Crises; Context; Revolution; Education.

Tenho insistido em vários escritos sobre a atualidade do pensamento marxista. Para respaldar essa compreensão, recorro a argumentos lógicos e históricos, notadamente para afirmar que “Enquanto o capital continuar dominando as relações sociais, a teoria de Marx permanecerá atual, e sua novidade sempre recomeçada constituirá o reverso e a negação de um fetichismo mercantil universal” (BENSAÏD, 1999, p. 11-12). Entretanto, o anúncio bombástico da profunda e grave crise internacional do modo capitalista de produção, me levam a também recorrer a uma argumentação conjuntural e estrutural, tecendo algumas notas sobre a atual conjuntura, marcada por mais uma grave *crise* do modo de produção de capitalista.

Tomo o conceito de *crise* em seu sentido etimológico², adequando para o uso que os marxistas dele fazem, referindo-se aos processos e períodos de desequilíbrio e conflito, no âmbito econômico, social, político e ideológico (BOTTOMORE, 1988, p. 82). Há autores que trabalham com o entendimento que há uma *teoria das crises* em Marx; outros que falam em *teorias da crise* (no plural).

Teoria marxista das crises

Para Marx a *crise* é entendida como o colapso dos princípios básicos que regem o funcionamento de uma determinada formação social ou de um determinado modo de produção, geralmente fazendo-se a distinção entre as *crises gerais* e as *parciais* (MARX, 1996, Tomo 2, p. 174). As *crises parciais* ou conjunturais, são características dos ciclos de desenvolvimento econômico, expressam depressões e colapsos mais ou menos profundos, mas que necessariamente não promovem uma transformação profunda, estrutural, das relações econômicas e sociais características de um determinado modo de produção (BOTTOMORE, 1988, pp. 83-85 e 85-89). As *crises gerais* se expressam no estrangulamento das relações econômicas, sociais e políticas, notadamente no esgotamento de um determinado padrão de acumulação. É nesse sentido que os estudiosos dos ciclos econômicos apontam para dezenas de crises conjunturais e algumas poucas e profundas crises estruturais, como sintetiza Bottomore:

Nos Estados Unidos da América, por exemplo, embora tenham ocorrido 35 ciclos econômicos e crises nos 150 anos decorridos de 1834 ... [no período de 1834 a 1984], apenas duas – a Grande Depressão de 1873-1893 e a Grande Depressão de 1929-1941 – podem ser classificadas como crises gerais. [...] (BOTTOMORE, 1988, pp. 83-85 e 85-89)

A teorização marxiana das crises decorre da análise das contradições inerentes ao desenvolvimento do modo capitalista de produção, particularmente da tendência geral do desenvolvimento econômico, resultante do uso intensivo de capital e da incorporação das ciências aos processos produtivos. Esse processo é acompanhado de uma maior e mais crescente concentração e centralização de matérias primas, meios de produção e capitais. Tratando sobre a maquinaria e a grande indústria, no livro primeiro de *O Capital*, Marx foi enfático em afirmar que o contínuo desenvolvimento inevitavelmente produzia ciclos – de produção febril, saturação e estagnação – ou períodos de prosperidade, superprodução, crise e estagnação – demarcados por crises mais ou menos profundas.

[...] A enorme capacidade de expansão aos saltos do sistema fabril e sua dependência do mercado mundial produzem necessariamente produção febril e conseqüente saturação dos mercados, cuja contração provoca estagnação. A vida da indústria se transforma numa seqüência de períodos de vitalidade média, prosperidade, superprodução, crise e estagnação. A insegurança e a instabilidade a que a produção mecanizada submete a ocupação e, com isso, a situação de vida dos trabalhadores tornam-se normais com essas oscilações periódicas do ciclo industrial. [...] (MARX, 1996, Tomo 2, p. 83)

Marx analisava essa tendência a partir da crise algodoeira ocorrida na guerra civil americana. Estava preocupado, de modo particular, com os efeitos da crise sobre a classe trabalhadora, mas também em delinear as transformações gerais que resultava para a economia, como a concentração da produção, o desenvolvimento tecnológico que ampliava a produção, a diminuição do número de trabalhadores, a redução salarial e a ampliação da miserabilidade e opressão dos trabalhadores. A passagem que segue é elucidativa:

De 1861 a 1868 desapareceram, portanto, 338 fábricas de algodão; ou seja, maquinaria mais produtiva e mais potente concentrou-se nas mãos de um número menor de capitalistas. O número de teares a vapor diminuiu em 20 663; mas seu produto ao mesmo tempo aumentou de modo que um tear aperfeiçoado produzia agora mais do que um antigo. Finalmente, o número de fusos cresceu de 1 612 547, enquanto o número de trabalhadores empregados diminuiu de 50 505. A miséria “temporária” com que a crise algodoeira oprimiu os trabalhadores foi, portanto, intensificada e consolada pelo progresso rápido e permanente da maquinaria. [...] (MARX, 1996, Tomo 2, p. 66).

Tais quais as tenebrosas cenas que a mídia nos propicia hoje, tanto visual quanto descritivamente, com massas miseráveis e famintas em vários continentes e países, notadamente na África, Marx transcreveu n’*O Capital* matéria de um jornal londrino sobre os efeitos da crise de 1866 sobre a população trabalhadora da periferia da capital inglesa:

Um espetáculo terrível se desenrolou ontem numa parte da metrópole. Embora os milhares de desempregados da parte leste da cidade não tivessem, com suas bandeiras negras, marchado em massa, a torrente humana era assaz imponente. Rememoremos o que sofre essa população. Ela morre de fome. Esse é o fato simples e terrível. Há 40 mil deles. [...] Em nossa presença, num bairro dessa maravilhosa metrópole bem ao lado da mais imensa acumulação de riqueza que o mundo já viu — bem junto a ela estão 40 mil pessoas sem auxílio, morrendo de fome! Esses milhares irrompem agora em outros bairros; meio mortos de fome em todas as épocas eles gritam sua miséria em nossos ouvidos, clamam aos céus, falam-nos de suas habitações atingidas pela miséria, dizem que lhes é impossível achar trabalho e que é inútil pedir esmolas. Os contribuintes locais do imposto para os pobres estão sendo, eles mesmos, arrastados pelos encargos paroquiais para a beira do pauperismo (STANDARD, 5 de abril de 1867, Apud MARX, 1996, p. 300).

Como hoje, também nessa época o Estado rapidamente injetou recursos públicos para a estabilização da economia, cobrindo os prejuízos do capital e criando as condições necessárias à lucratividade, sobrando aos pagadores de impostos, geralmente os trabalhadores, saldarem o rombo financeiro do Estado. Marx foi enfático em afirmar que, nas condições de crise, “A única parte da assim chamada riqueza nacional que realmente entra na posse coletiva dos povos modernos é — sua dívida de Estado” (MARX, 1996, Tomo 2, p. 373). Sobre o assunto, não esquecer que para Marx foi justamente através do endividamento do Estado que, após a primeira grande crise estrutural do modo capitalista de

produção, ocorrida entre 1860 a 1890, prosperaram “as sociedades por ações, o comércio com títulos negociáveis de toda espécie, a agiotagem, em uma palavra: o jogo da Bolsa e a moderna bancocracia” (idem, p. 374). Com a emergência da bancocracia, o capital financeiro foi se tornando hegemônico sobre os demais, impondo sua lógica de acumulação. Por mais contraditório que pareça, as crises parciais e gerais se tornaram grandes instrumentos de acumulação financeira, graças à ação dos mecanismos de transferência de recursos do Estado para a recuperação econômica de empresas e até mesmo setores inteiros da economia. No centro desses mecanismos estavam os grandes bancos nacionais que

[...] Desde seu nascimento, [...] decorados com títulos nacionais, eram apenas sociedades de especuladores privados, que se colocavam ao lado dos governos e, graças aos privilégios recebidos, estavam em condições de adiantar-lhes dinheiro. Por isso, a acumulação da dívida do Estado não tem medidor mais infalível que a alta sucessiva das ações desses bancos. [...] (MARX, 1996, Tomo 2, p. 374).

Criou-se com isso um círculo vicioso: a cada crise amplia-se a dívida do Estado; para saldá-la é preciso ampliar as receitas do Estado, o que é realizado através do aumento de impostos que, no regime fiscal moderno, conduz à supertributação, transformada em princípio econômico do Estado moderno:

Como a dívida do Estado se respalda nas receitas do Estado, que precisam cobrir os juros e demais pagamentos anuais, o moderno sistema tributário tornou-se um complemento necessário do sistema de empréstimos nacionais. Os empréstimos capacitam o governo a enfrentar despesas extraordinárias, sem que o contribuinte o sinta imediatamente, mas exigem, ainda assim, como consequência, elevação de impostos. [...] O regime fiscal moderno, cujo eixo é constituído pelos impostos sobre os meios de subsistência mais necessários (portanto, encarecendo-os), traz em si mesmo o germe da progressão automática. A supertributação não é um incidente, porém muito mais um princípio. [...] (MARX, 1996, Tomo 2, p. 375).

Apesar da ideologização que acoberta essa ação do Estado, tratando-a como um processo natural, como que dotado de uma circularidade eterna, Marx demonstrou que se trata de um processo contraditório do qual, inevitavelmente, resultará concomitantemente a sua destruição e a formação de um novo regime produtivo. Fechando a análise sobre a acumulação primitiva de capital, Marx teorizou sobre como se deu a transição do feudalismo ao capitalismo. Uma vez iniciado o processo de desenvolvimento das forças produtivas e de transformação de todas as relações econômicas, sociais, políticas, produzem-se os meios materiais necessários à destruição do velho modo de produção feudal:

[...] A partir desse momento agitam-se forças e paixões no seio da sociedade, que se sentem manietadas por ele. Tem de ser destruído e é destruído. Sua destruição, a transformação dos meios de produção individuais e parcelados em socialmente concentrados, portanto da propriedade minúscula de muitos em propriedade gigantesca de poucos, portanto a expropriação da grande massa da população de sua base fundiária, de seus meios de subsistência e instrumentos de trabalho, essa terrível e difícil expropriação da massa do povo constitui a pré-história do capital. Ela compreende uma série de métodos violentos, dos quais passamos em revista apenas aqueles que fizeram época como métodos de acumulação primitiva do capital. A expropriação dos produtores diretos é realizada com o mais implacável vandalismo e sob o impulso das paixões mais sujas, mais infames e mais mesquinamente odiosas. [...] (MARX, 1996, Tomo 2, p. 380).

Teoricamente levando seu raciocínio lógico a desvelar o processo de transformação histórico, de modo análogo ao ocorrido na transição do modo feudal de produção para o capitalista, Marx delinea as linhas gerais da destruição e da transformação do modo capitalista de produção:

[...] O que está agora para ser expropriado já não é o trabalhador economicamente autônomo, mas o capitalista que explora muitos trabalhadores. Essa expropriação se faz por meio do jogo das leis iminentes da própria produção capitalista, por meio da centralização dos capitais. [...] Paralelamente a essa centralização ou à expropriação de muitos outros capitalistas por poucos desenvolve-se a forma cooperativa do processo de trabalho em escala sempre crescente, a aplicação técnica consciente da ciência, a exploração planejada da terra, a transformação dos meios de trabalho em meios de trabalho utilizáveis apenas coletivamente, a economia de todos os meios de produção mediante uso como meios de produção de um trabalho social combinado, o entrelaçamento de todos os povos na rede do mercado mundial... O monopólio do capital torna-se um entrave para o modo de produção que floresceu com ele e sob ele. A centralização dos meios de produção e a socialização do trabalho atingem um ponto em que se tornam incompatíveis com seu invólucro capitalista. Ele é arrebatado. Soa a hora final da propriedade privada capitalista. Os expropriadores são expropriados (MARX, 1996, Tomo 2, p. 380-381)

Eu poderia continuar recorrendo aos escritos de Marx e Engels para demonstrar a visão que tinham sobre a crise e a articulação teórica que faziam de todos os processos e relações, com a contraditória transformação histórica de um modo de produção para outro. Marx não só demonstrou que o capitalismo não é eterno, mas também que ele *não se auto-destrói*, que assim como *não existe auto-regulação*, *não há auto-revolução do capital*³.

Como exposto por Marx, a teoria das crises é como “irmã siamesa” da teoria das revoluções. Essa é uma dimensão de fundamental importância nas obras de Marx e Engels, notadamente naquelas em que buscaram explicar acontecimentos políticos contemporâneos a eles. Basta lembrar a síntese feita por Engels das lutas de 1848 à década de 1870, colocando relevo no embate entre as classes e frações de classe, concluindo que “as condições mudaram na guerra entre povos”, o mesmo tendo ocorrido na luta de classe. Engels faz uma autocrítica profunda das análises que fizeram, observando que “a história nos desmentiu... [e] demonstrou que o estado de desenvolvimento econômico no continente ainda está muito longe do amadurecimento necessário para a supressão da produção capitalista” (Engels, s/d, p. 97- 99).

Crise contemporânea: em cena o crash de 2008

A releitura da *Teoria das Crises*, presente no pensamento dos pais de marxismo possibilita entender a crise contemporânea, buscando teoricamente analisar o que vem ocorrendo desde a reorganização internacional pós-segunda grande guerra, quando o capitalismo teve uma prolongada fase de expansão econômica. Mesmo tendo a instabilidade econômica se manifestado no fim da década de 1960, ela somente irrompeu com força na década de 1970, causada por dois choques sucessivos nos preços mundiais do petróleo e que trouxeram sérias dificuldades para a conversibilidade do dólar em ouro, marcando o colapso do acordo de Bretton Woods e provocando o endividamento dos países subdesenvolvidos que buscavam, em plena crise petrolífera, manter a importação dessa fonte energética e

que havia se tornado fundamental com a expansão do transporte automotivo. A fase de prosperidade anterior foi, assim, interrompida com a crise capitalista internacional⁴ de 1974-1975.

A crise não tardou a manifestar suas características clássicas, com taxas de lucratividade fortemente decrescentes, queda e quebra no mercado de ações, alta contínua da inflação nos países desenvolvidos. Nesse contexto surgiu um forte movimento contra as idéias keynesianas, contra a intervenção dos Estados nacionais na economia, e ressaltando as vantagens do livre mercado no equilíbrio e na regulação das relações econômicas. Velhos pressupostos da ortodoxia liberal reaparecem sob novas vestes, explicitando que a “*mão invisível*” do mercado funcionava mais adequadamente que os controles governamentais e as restrições ao livre fluxo de mercadorias, com a economia *globalmente liberalizada*. No receituário “*neoclássico*”, não havendo intervenção econômica governamental, as economias nacionais e a economia mundial operaria de forma eficiente, conforme os modelos dos mercados “*perfeitamente competitivos*”.

Tinha início uma contra-ofensiva do capital hegemônico pelos sectores neoliberais das classes dominantes (GUTIÉRREZ; LONG e PARGA, 2004). A contra-ofensiva colocou em realce os “*Chicago Boys*”⁵ que experimentaram a adoção de uma radical política de mercado no Chile de Pinochet. Essa contra-ofensiva capitalista, a partir de então, adotou o modelo denominado de “neoliberal”, anunciador de uma nova fase econômica, social, cultural, etc., marcada por relações globais em todos os âmbitos da vida social, daí a denominação “globalização”.

Nos últimos anos da década de 1970 e nos primeiros da década seguinte, a Grã-Bretanha, sob o governo de Margaret Thatcher, e os Estados Unidos, sob o governo de Ronald Reagan, passaram a propagandear o novo modelo econômico e a anunciar a globalização do mercado. A partir de então, até recentemente, o neoliberalismo e a globalização tiveram expansão em todo o mundo, ditando as políticas orientadoras da economia, da sociedade, da política, das relações internacionais e da cultura na maioria dos países, em todos os continentes.

Além da ideologização neoliberal e sua propalada característica globalizante, assuntos que tive oportunidade de analisar em duas coletâneas – *Globalização, pós-modernidade e educação: história, filosofia e temas transversais* (LOMBARDI, 2001) e *Liberalismo e educação em debate* (LOMBARDI e SANFELICE, 2007) – é preciso registrar que a ofensiva da ideologização burguesa, visando à conquista dos corações e mentes em escala mundial, foi a emblemática mistificação de Francis Fukuyama com “o fim da história, expresso, primeiramente, através de artigo publicado em 1989, com o título “O fim da história”⁶, seguido do livro “O fim da história e o último homem” (FUKUYAMA, 1992). Com essas publicações Fukuyama elaborou uma abordagem da história, de Platão a Nietzsche, passando por Kant e Hegel, e que teve por objetivo revigorar a tese de que o capitalismo e a democracia burguesa constituem o coroamento da história da humanidade. Superando “totalitarismos” de direita e de esquerda, no final do século XX, a humanidade atingiu o ponto culminante de sua evolução com o triunfo da democracia liberal ocidental sobre todos os demais sistemas e ideologias concorrentes.

Neoliberalismo, globalização e fim da história, com o fim das disputas históricas, foram instrumentos ideológicos da contra-ofensiva do capital, mais precisamente do capital financeiro, notadamente de seu mais novo rebento, sedento por uma acumulação rápida e pura expressão do capital em seu ciclo financeiro de acumulação: o capital especulativo. Essa contra-ofensiva usou de todos os seus instrumentos políticos e financeiros para implementar seus objetivos fundamentais: derrotar a classe operária, bloqueando as possibilidades de sua ofensiva, inclusive dismantelando as estruturas, as instituições e as conquistas resultantes do Estado de Bem-Estar Social; reestruturar o capitalismo internacional, abrindo espaço para a livre operação do capital financeiro especulativo, das grandes corporações transnacionais e das potências capitalistas; possibilitar o livre fluxo de investimentos e de comércio de bens e serviços; garantir o controle e a apropriação de recursos naturais estratégicos – fontes de energia, água e a biodiversidade – viabilizando a exploração de força de trabalho barata, em nível global; implementar uma reorganização internacional, com a formação de megablocos econômicos que repartam entre si os recursos, os territórios, a força de trabalho e os recursos financeiros; estabelecer alianças estratégicas para controlar os mercados globais, implementando uma nova redefinição geoeconômica e geopolítica, estabelecendo uma nova partilha do mundo entre os grandes impérios capitalistas; enfim, submeter os Estados nacionais à lógica da globalização financeira, eliminando o seu papel regulador e sua obrigação de procurar o bem-estar das sociedades locais.

O fim do bloco soviético, com o chamado fim do “socialismo real”, e a concomitante hegemonização do neoliberalismo e da globalização, resultaram num mundo *unipolar* e nas condições necessárias que propiciaram o restabelecimento da hegemonia econômica e político-militar dos Estados Unidos. Nesse contexto se forjou a nova política imperialista dos Estados Unidos que, sob a desastrosa batuta de George Bush Junior, tentou implantar a estratégia de “guerra preventiva contra o terrorismo”, a partir de 11 de Setembro de 2001.

Mas o acelerado agravamento da crise, ainda sob o governo Bush, deixou evidente que se tratava de uma estratégia para superar a crise capitalista, ao mesmo tempo em que os Estados Unidos buscavam restabelecer seu controle imperialista sobre o resto do planeta. De modo geral, para a maioria dos países, particularmente para os países atrasados e economicamente dependentes, os anos de 1980 foram o que se convencionou chamar uma “década perdida”. Nos anos de 1990 houve uma recuperação da economia mundial, com a economia americana desempenhando o papel de locomotiva, com um crescimento médio entre 3.5 e 4%, bem como algumas nações da Europa ocidental, como Inglaterra, Alemanha e França, com um crescimento de 2 a 3%. Para os a maioria dos países da América Latina e do Caribe, da África e vários países da Ásia, entretanto, o crescimento foi variável e instável, com uma marcada tendência para a recessão, convertendo essa década de 1990 noutra década perdida.

Em 2000 rebentou nos Estados Unidos a bolha financeira e especulativa, inicialmente nos ramos de alta tecnologia, levando à quebra de várias grandes corporações transnacionais, finalmente se traduzindo num processo recessivo que se expandiu pela maior parte do sistema capitalista mundial. Este contexto de profunda crise econômica, social e política, tem se traduzido em insurreições sociais (pacíficas

e violentas), marcadas por vitórias eleitorais oposicionistas, com mudanças abruptas na direção governamental de vários países. Esses processos combinaram criativamente velhos e novos sujeitos sociais e políticos, assim como questões programáticas de longa data, mas ainda válidas, com novas reivindicações e formas diversas de luta. É nesse contexto que se colocam os amplos movimentos de massas e frentes político-eleitorais e que, na América Latina, são exemplificados pelos casos da Venezuela, do Equador, do Brasil, da Bolívia, da Argentina, do Uruguai, da Colômbia e de El Salvador. Como em outros períodos da história em que a combinação de crise cíclica com crise estrutural do capitalismo gerou as condições necessárias para a emergência de vigorosos movimentos populares e políticos alternativos à dominação capitalista, este parece ser um momento privilegiado neste sentido. Talvez o amadurecimento da luta conduza à formação de uma frente ampla que articule as forças anti-capitalistas e revolucionárias. Ao menos as análises marxistas voltaram a circular nos meios de comunicação de massa. Assim, contraditoriamente, nestes tempos de crise, tal qual a Fênix, volta a circular uma quantidade expressiva de matérias jornalísticas e textos analíticos sobre o assunto⁷. Na impossibilidade de aqui sintetizar o debate que se realiza, vou apenas tomar alguns poucos textos como referência, com o objetivo de expressar o quanto a atual crise recoloca a atualidade da produção marxiana.

A profundidade da crise: Estados buscam salvar o capitalismo dos capitalistas

A nova grave crise estrutural, “sistêmica”, do modo capitalista de produção, tem sido divulgada pela imprensa burguesa, através de matérias que dão conta da profundidade do que está sendo chamado de *crash* de 2008. A gravidade é tamanha que este *crash* está sendo considerado mais grave que o de 1929, nos seguintes termos: “o mundo está passando hoje por uma crise sistêmica que só tem paralelo com o crash de 1929 e ninguém sabe qual será a extensão desse terremoto” (BARROS, 2008, [s.p.])⁸.

O atual *crash* (2008) manifesta-se por uma grande turbulência no mercado financeiro dos EUA e que é constante desde a eclosão da crise do crédito imobiliário (em 2007), agravada pelo anúncio de concordata de um dos maiores bancos de investimento – o *Lehman Brothers*. Com uma economia mundializada, simultaneamente a crise tornou-se internacional, com os investidores promovendo a venda de ações, em busca por ancorar-se em dólares. Para amenizar os efeitos do desequilíbrio financeiro, os bancos centrais do mundo todo injetaram mais de US\$ 500 bilhões no mercado ao longo da drástica semana de 2008 (a imprensa refere-se à ao período de 15 a 19 de setembro de 2008). Para “salvar o capitalismo dos capitalistas”, a economia ícone do liberalismo e da defesa do mercado protagonizou alguns episódios de intervenção que causaram surpresa aos analistas. Numa clara intervenção do Estado para regularizar o mercado, o tesouro americano disponibilizou bilhões de dólares para aumentar a liquidez dos mercados afetados pela crise, e o Fed (Federal Reserve, o banco central americano) aprovou na terça-feira, 16 de setembro de 2008, um socorro de US\$ 85 bilhões à AIG (*American International Group*), uma seguradora que opera praticamente em todo mundo, numa ação sem precedentes e que, na prática, equivale à estatização da empresa.

Essa ação intervencionista do Estado na economia foi justificada pelo então presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, que em entrevista pública (concedida no dia 19 de setembro de 2008), afirmou que a intervenção pública nos mercados "não só é justificada, é essencial", para evitar um dano maior na economia; por isso "Devemos agir agora para proteger a saúde econômica de nossa nação". Bush estava acompanhado pelo secretário do Tesouro americano, Henry Paulson e pelo presidente do Federal Reserve, Ben Bernanke⁹.

No artigo "Réquiem para a era Reagan", de Chrystia Freeland, a autora expressa que há poucos dias ninguém acreditava na profundidade da crise, mas que desde o dia 18 de setembro de 2008 "a comparação com 1929 se tornou corrente". Considerando que "o item mais importante nas exportações ideológicas dos EUA era a idéia de mercado", a profundidade da crise levou "os americanos a reverem conceitos cruciais como capitalismo de mercado e papel do Estado". Para a autora, "a era Reagan chegou ao fim" e, com o fim dessa era, também "a confiança otimista na superioridade do "american way" foi abalada". Com o *crash* de 2008, "depois de três décadas de consenso sobre a diminuição do tamanho do Estado, a prioridade agora será tornar o Estado melhor e provavelmente maior" (FREELAND, 2008, [s.p.]¹⁰).

Com a vitória de Barack Obama para a presidência americana, envolta em grande euforia e mistificação por parte da imprensa americana e internacional, houve continuidade e ampliação do consenso para que o Estado interviesse nos rumos da crise, bancando um plano de estímulo econômico que, em síntese, a imprensa registrou como muito aquém do necessário para minimizar o desemprego e a quebra generalizada. O Congresso acabou aprovando um plano econômico avaliado em US\$ 787 bilhões, na sexta-feira 13 de fevereiro de 2009. A imprensa informou que o pacote foi aprovado por 60 votos a favor e 38 contra, uma votação apertada que encerrou a tramitação do Plano no Congresso. O próprio presidente Obama expressou o entendimento americano quanto ao plano: "Há quem tema que não poderemos implementar eficazmente um pacote dessas dimensões e alcance", advertindo que "este passo histórico não será o último dado para superar a crise, mas apenas o primeiro", pois era preciso que se entendesse que "Os problemas que nos levaram a essa crise são extensos e arraigados, e nossa resposta deve estar à altura da tarefa" (Estadão on line, 14/02/2009)¹¹.

Apesar de prever centenas de bilhões de dólares em cortes de impostos e investimentos federais, favorecendo sobremaneira as indústrias de energia e tecnologia, a nova legislação foi considerada desalentadora para as empresas, pois era insuficiente para minimizar os prejuízos provocados pela crise. Mas é preciso convir que as informações são muito desencontradas, pois o secretário do Tesouro, Timothy Geithner, informou em 10 de fevereiro que os bancos americanos receberam um pacote de ajuda do Tesouro no total de US\$ 1 trilhão que, somado as ações voltadas ao crédito para o consumidor e para as empresas, supera US\$ 2 trilhões (Estadão on line, 10/02/2009)¹².

Mais interessante, ainda, foi a publicação de observações de George Soros – multimiliardário, guru norte-americano dos mercados financeiros, que teceu críticas aos "fundamentalistas do mercado", e também ao *Federal Reserve*, o Banco Central dos EUA, e ao tesouro norte-americano, dizendo que são

responsáveis pela formação de uma "superbolha" que está mergulhando os Estados Unidos e a Europa numa grave recessão. Respondendo à pergunta “*Wall Street está afundando. Estamos assistindo à queda do império norte-americano?*”, George Soros diz

Wall Street não está afundando, está em crise. Os efeitos dessa crise vão depender de sua duração. A situação não é fatal: estamos à beira do abismo, mas ainda não caímos nele. O mercado continua a funcionar. Mas nos últimos dias surgiu um fato novo, sim: existe a possibilidade de o sistema explodir. O que está acontecendo é inacreditável. É a consequência do que eu chamo de "fundamentalismo do mercado", essa ideologia do "laissez-faire" e da auto-regulamentação dos mercados. A crise não se deve a fatores externos, ela não é consequência de uma catástrofe natural. É o sistema que provocou seu próprio colapso. Ele implodiu (SOROS, 2008, [s.p.])¹³.

Soros reconhece que foi o próprio capitalismo que provocou o seu colapso. Para além dessa afirmativa, também reconhece que a atual crise expressou o “fundamentalismo do mercado”, afirmando que o *laissez-faire* e a “auto-regulamentação dos mercados” não passam de *ideologia*. Para os baluartes da liberdade de um mercado auto-regulável e da não intervenção do Estado na economia, George Soros foi mais longe: “A grande diferença entre hoje e a crise de 1929 é a atitude das autoridades. Elas compreenderam que é preciso sustentar o sistema, mesmo que isso seja complicado e custe caro, e mesmo que não seja parte de sua cultura promover intervenções do Estado” (Idem, *ibidem*). Essa posição, manifestada quando do início das notícias sobre a crise, foram reiteradas e aprofundadas depois, com George Soros afirmando que o “Sistema financeiro está se desintegrando; é pior que a Grande Depressão e não há sinal algum de que estejamos perto do fundo do poço”¹⁴. Essas afirmações, feitas em 20 de fevereiro de 2009, em um jantar na *Columbia University*, foram noticiadas por aqui em curta matéria do *Jornal O Estado de São Paulo*, de 21 de fevereiro de 2009, registrando que o megainvestidor afirmou que o sistema financeiro mundial estava efetivamente se desintegrando e que não havia perspectiva de solução a curto prazo, já que a turbulência é mais severa que durante a Grande Depressão e essa situação é comparável ao desmantelamento da União Soviética¹⁵.

Para melhor explicar a crise, comparando com o que ocorreu em 1929-30, a *Folha de S. Paulo* publicou artigo do economista Luiz Gonzaga Belluzzo, com o sugestivo título “Nada de novo”¹⁶. Para Belluzzo, várias figuras de proa do *establishment* financeiro americano – Nicholas Brady, Eugene A. Ludwig e Paul Volker – recomendaram medidas drásticas e urgentes para brevar o avanço da mais devastadora crise financeira desde a Grande Depressão de 1930. Para estes “na ausência de uma ação corajosa, as coisas podem piorar” pois entendem que “medidas de emergência já tomadas pelo Fed e pelo Tesouro, ainda que necessárias, são insuficientes para domar a crise” (BELLUZZO, 21/09/2008, [s.p.]). Para os “três figurões” das finanças “o sistema financeiro americano exige uma reestruturação profunda que o habilite a funcionar de forma mais adequada no futuro”, mas é preciso imediatamente livrar o mercado “do enorme volume de lixo tóxico hipotecário que não será honrado nos termos acordados”. A citação de Belluzzo é, por ela mesma, elucidativa:

"Plus ça change, plus c'est la même chose." Franklin Delano Roosevelt assumiu o governo dos EUA quando a Depressão de 1929 andava brava. Cuidou de salvar as

grandes corporações e os bancos de seus próprios desvios e preconceitos. A derrocada financeira foi enfrentada com o Emergency Bank Bill, de 9 de março de 1933, e pelo Glass-Steagall Act, de junho do mesmo ano. Esses dois instrumentos legais permitiram um maior controle do Fed sobre o sistema bancário.

Roosevelt facilitou o refinanciamento dos débitos das empresas, sobretudo da imensa massa de dívidas dos agricultores, estrangulados pela queda de preços. O "New Deal" utilizou a "Reconstruction Finance Corporation", criada por Hoover em janeiro de 1932, para promover a reestruturação do sistema bancário e financeiro. Roosevelt impôs a separação entre os bancos comerciais e de investimento; criou a garantia de depósitos bancários; proibiu o pagamento de juros sobre depósitos à vista e estabeleceu tetos no pagamento de juros para os depósitos e prazo.

Esses papéis não estão habilitados a suportar as enormes quantidades de instrumentos financeiros estruturados, alavancados muito mais do que 30 vezes. Até que seja adotado um novo mecanismo para extirpar esse tecido apodrecido do sistema, a infecção vai se disseminar, a confiança vai se deteriorar ainda mais e nós teremos de conviver com a mãe de todas as contrações de crédito" (BELLUZZO, 21/09/2008, [s.p.]).

A análise de Luiz Gonzaga Belluzzo já vinha sendo arredondada pelo economista, desde uma entrevista publicada na revista *Caros Amigos* de fevereiro de 2008 sob o título “A crise, trocada em graúdos”, e na qual afirmou que a atual crise financeira é a primeira crise em escala mundial após a desregulação promovida pelo neoliberalismo. Afirma ele que “cada crise tem características próprias... [esta] é a primeira crise mundial do capitalismo financeiro desregulado” (BELLUZZO, fevereiro de 2008, p. 14).

Para ajudar o leitor a entender o que está se passando, Belluzzo traça o percurso que desembocou na atual crise, pontuando que, após a crise de 1930, as reformas introduzidas pelos Estados Unidos e Europa, no chamado consenso keynesiano, possibilitaram três décadas de crescimento e estabilidade, com controles sobre os sistemas financeiros. Às lutas sociais nos países desenvolvidos, correspondeu à “proteção dos direitos econômicos e sociais dos trabalhadores e assalariados em geral” (Idem). No final dos anos 1960, a recuperação econômica européia pós-guerra e o reerguimento japonês provocaram “uma mudança de sinal na balança comercial dos Estados Unidos”, com sucessivos déficits na balança de pagamento, agravados com a crescente ampliação das despesas militares. Como toda a economia internacional estava lastreada no dólar, passou a ocorrer uma verdadeira hemorragia das reservas de ouro. Em 1971 o então presidente Richard Nixon decretou unilateralmente a incorversibilidade do dólar em ouro, lastreando a moeda americana em títulos da dívida do governo americano. No final dos anos 1970 os europeus tentavam substituir o dólar por um ativo emitido pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), os Direitos Especiais de Saque, mas a reação dos americanos foi de promover um choque de juros, levando a uma quebra geral das economias nacionais, notadamente dos países endividados. O resultado da crise foi a vitória das posições liberais mais conservadas, como a vitória de Thatcher em 1979 e de Reagan em 1980, com a radical desregulamentação e liberalização da economia, com o máximo de liberdade de mercado e Estado mínimo. Conforme Belluzzo:

... a crise deu força aos que trabalhavam sem descanso para dar um fim?? às as instituições criadas na posteridade da Segunda Guerra para impedir que o capitalismo repetisse experiências catastróficas, como a crise de 1929. A idéia era desregular, liberalizar, promover a desrepressão financeira. Nesse ambiente, com o dólar

fortalecido, os Estados Unidos começaram as idéias e as regras do conjunto de proposições ditas neoliberais. [...] (BELLUZZO, fevereiro de 2008, p. 14).

Como bem caracteriza Saul Leblon, em texto intitulado “A esquerda enfrenta a dura carpintaria da história”, o neoliberalismo foi tomado como a panacéia ideológica da burguesia para todos os males da modernidade, transformando os meios de comunicação de massa em “corregedoria ideológica do fim da história”. Vale a pena atentar para a citação:

[...] Por quase 30 anos despejou-se sobre a sociedade uma peroração cotidiana que reafirmava a virtude dos mercados desregulados para promover o crescimento, a inovação, a modernidade, a eficiência, a liberdade, orgasmo e a cura para a calvice. Jornalões, colunas e colunistas, em especial nas (ou nos) editorias de economia, funcionaram esse tempo todo como uma espécie corregedoria ideológica do fim da história. Dentro e fora das redações, cuidavam de vigiar, punir e desqualificar quem ousasse argüir o mainstream, bem como o perímetro por ele reservado à democracia. (LEBRON, 2009, [s.d.])

Mas, voltemos a Belluzzo, para quem esse ambiente neoliberalizante, com uma suposta liquidez e segurança, fizeram com que os títulos americanos passassem a lastrear as operação de crédito que passaram a ser “securitizadas”, com os títulos não mais ficando nas carteiras dos bancos, mas sendo negociados diariamente nos mercados financeiros internacionais. Foi essa a política adotada nas duas décadas seguintes (1980 e 1990), promovendo amplo crescimento da bolha financeira, com os bancos concedendo crédito lastreado na negociação dos títulos. Foi como que absolutizar a circulação de dinheiro para a obtenção de mais dinheiro.

[...] A inventividade dos mercados construiu uma verdadeira pirâmide de papéis, com empréstimos de qualidade variada, misturando o bom, o ruim e o péssimo. Quando explode a crise, toda a cadeia da felicidade entra em pane. A pirâmide começa a desmoronar... (BELLUZZO, 2008, p. 15).

Para Belluzzo os mais recentes acontecimentos mostram que é preciso “conter a mula-sem-cabeça da finança desregulada”, para evitar que os cidadãos sejam “atormentados periodicamente pelas tropelias da mão invisível” (BELLUZZO, 21/09/2008, [s.p.]).

Marx morreu! Viva Marx!

Nesse quadro de crise foi publicado o artigo de César Benjamin, “Karl Marx manda lembranças”, também na *Folha de S.Paulo*, de 20 de setembro de 2008, e que teve grande alarde na internet¹⁷. A epígrafe não poderia ser mais feliz para ilustrar o quadro posto e exemplarmente caracterizado por Soros. Vale a pena citar para registro: “O que vemos não é erro; mais uma vez, os Estados tentarão salvar o capitalismo da ação predatória dos capitalistas” (BENJAMIN, 2008, [s.p.]). Achei a afirmação a mais correta expressão do que está se passando, colocando-a como subtítulo desta presente parte de meu trabalho.

Iniciando pela afirmativa de que as economias modernas não mais tratam de dispor de valores de uso, “mas de ampliar abstrações numéricas”, o autor entende que se criou um novo conceito de riqueza, o que recoloca a atualidade da análise marxiana nos termos que seguem:

Quem refletiu mais profundamente sobre essa grande transformação foi Karl Marx. Em meados do século 19, ele destacou três tendências da sociedade que então desabrochava: (a) ela seria compelida a aumentar incessantemente a massa de mercadorias, fosse pela maior capacidade de produzi-las, fosse pela transformação de mais bens, materiais ou simbólicos, em mercadoria; no limite, tudo seria transformado em mercadoria; (b) ela seria compelida a ampliar o espaço geográfico inserido no circuito mercantil, de modo que mais riquezas e mais populações dele participassem; no limite, esse espaço seria todo o planeta; (c) ela seria compelida a inventar sempre novos bens e novas necessidades; como as "necessidades do estômago" são poucas, esses novos bens e necessidades seriam, cada vez mais, bens e necessidades voltados à fantasia, que é ilimitada. Para aumentar a potência produtiva e expandir o espaço da acumulação, essa sociedade realizaria uma revolução técnica incessante. Para incluir o máximo de populações no processo mercantil, formaria um sistema-mundo. Para criar o homem portador daquelas novas necessidades em expansão, alteraria profundamente a cultura e as formas de sociabilidade. Nenhum obstáculo externo a deteria (BENJAMIN, 2008, [s.p.]).

Não encontrando obstáculos externos, era de se pressupor que historicamente nada impediria a livre expansão e acumulação do capital. Mas obstáculos internos, responsáveis pelas instabilidades e pelas crises cíclicas do modo capitalista de produção, como segue:

Havia... obstáculos internos, que seriam, sucessivamente, superados e repostos. Pois, para valorizar-se, o capital precisa abandonar a sua forma preferencial, de riqueza abstrata, e passar pela produção, organizando o trabalho e encarnando-se transitoriamente em coisas e valores de uso. Só assim pode ressurgir ampliado, fechando o circuito. É um processo demorado e cheio de riscos. Muito melhor é acumular capital sem retirá-lo da condição de riqueza abstrata, fazendo o próprio dinheiro render mais dinheiro. Marx denominou D - D" essa forma de acumulação e viu que ela teria peso crescente. À medida que passasse a predominar, a instabilidade seria maior, pois a valorização sem trabalho é fictícia. [...] (BENJAMIN, 2008, [s.p.]).

Com a instabilidade, o “potencial civilizatório do sistema” passaria a esgotar-se, afastando a produção do mundo-da-vida. Com isso, a engrenagem econômica tornaria a “potência técnica cada vez mais desenvolvida, mas desconectada de fins humanos”. Dependendo das forças sociais que predominem, a potência técnica poderá abrir um desses dois caminhos para a humanidade: por um, a técnica estaria colocada a serviço da *civilização* – “abolindo-se os trabalhos cansativos, mecânicos e alienados, difundindo-se as atividades da cultura e do espírito”; pelo outro chega-se à *barbárie* – “com o desemprego e a intensificação de conflitos”. Assim, quanto “Maior o poder criativo, maior o poder destrutivo” (BENJAMIN, 2008, [s.p.]).

César Benjamin fecha o artigo lembrando que o que está acontecendo “não é erro nem acidente”, mas é resultado do próprio sistema. Vencendo os adversários, o sistema buscou “a sua forma mais pura, mais plena e mais essencial”, com predominância da acumulação D - D". Com isso:

Abandonou as mediações de que necessitava no período anterior, quando contestações, internas e externas, o amarravam. Libertou-se. Floresceu. Os resultados estão aí. Mais

uma vez, os Estados tentarão salvar o capitalismo da ação predatória dos capitalistas. Karl Marx manda lembranças (BENJAMIN, 2008, [s.p.]).

Este mesmo fio-condutor de análise aparece em grande quantidade de artigos, entre os quais merece destaque o de Rick Wolff¹⁸ que, após tecer análise crítica quanto aos descaminhos do capitalismo americano, registra que “... esta crise, como muitas outras, levanta o espectro de Marx, à sombra do capitalismo... As duas mensagens básicas do espectro estão claras: (1) a crise financeira de hoje decorre dos componentes nucleares do sistema capitalista e (2) resolver realmente a crise actual exige a mudança daqueles componentes a fim de mover a sociedade para além do capitalismo” (Wolff, 2008).

É também a questão central de entrevista de Eric Hobsbawm a Marcello Musto¹⁹, que recebeu o sugestivo título “A crise do capitalismo e a importância atual de Marx”, publicada na *Carta Maior*, de 29 de setembro de 2008, na qual o historiador inglês analisa a atualidade da obra de Marx e o renovado interesse que vem despertando nos últimos anos, aguçado ainda mais após a nova crise de Wall Street. Para Hobsbawm os acontecimentos presentes recolocam a necessidade de voltar a ler o pensador alemão: “Marx não regressará como uma inspiração política para a esquerda até que se compreenda que seus escritos não devem ser tratados como programas políticos, mas sim como um caminho para entender a natureza do desenvolvimento capitalista” (HOBSBAWM, 2008). Mas essas observações de Hobsbawm vêm sendo recolocadas há longo tempo e já as referenciei quando da minha apresentação ao livro *Marxismo e Educação: debates contemporâneos* (LOMBARDI, 2005, p. xiv e ss.). Não é demais retomá-las, pois Hobsbawm situa e precisa o quadro referencial da atualidade do marxismo. Para ele, até a Revolução Russa o movimento revolucionário internacional era ideologicamente insuflado pelo embate entre a concepção anarquista e a marxista (HOBSBAWM, 1995, p. 80-81). Após 1917, o marxismo e mais que ele o bolchevismo, foi absorvendo todas as outras tradições revolucionárias, o que decorria da vitória do movimento revolucionário russo e de sua repercussão internacional, de forma que a opção revolucionária passou a significar “ser um seguidor de Lenin e da Revolução de Outubro, e cada vez mais um membro ou seguidor de algum partido comunista alinhado com Moscou”. Tal situação perdurou até 1956 quando, acompanhando a “desintegração da ortodoxia marxista na URSS e do movimento comunista internacional centrado em Moscou”, as tradições e organizações da heterodoxia, até então marginalizadas, puderam alçar para a esfera pública.

Hobsbawm aponta que, com o colapso da URSS e o fim do chamado “socialismo real”, também houve o abandono da idéia de uma economia única, centralmente controlada e estatalmente planejada ((HOBSBAWM, 1995, p. 481). Mais que isso, o colapso da URSS significou de modo extensivo a derrocada do marxismo soviético, formuladas até a década de 1890. Mas o historiador inglês deixa claro que isso diz respeito ao marxismo soviético, pois Marx continuou um pensador de extrema atualidade. No momento em que os defensores do capitalismo festejavam a derrocada do socialismo real e faziam profissão de fé na vitalidade do mercado, Hobsbawm assinalava a profunda crise que o neoliberalismo foi mergulhando ao longo da década de 1990 e que deixavam claro o fracasso dessa perspectiva como terapia de choque nos países ex-socialistas ((HOBSBAWM, 1995, p. 552). Para ele, isso deixava claro que a contra-utopia socialista estava em bancarrota, com sua *fé teológica* na economia de um mercado sem

qualquer restrição, em condições de competição ilimitada, e que se acreditava ser capaz de produzir *não apenas o máximo de bens e serviços, mas também o máximo de felicidade* ((HOBSBAWM, 1995, p. 542). Exatamente essa situação é que reafirmava aos socialistas sua convicção de que todos os assuntos, inclusive a economia, são demasiadamente importantes para serem deixados ao mercado.

É também esse o sentido posto por Daniel Bensaïd, na primeira página de seu *Marx, o intempestivo* – e que merece o registro: “Enquanto o capital continuar dominando as relações sociais, a teoria de Marx permanecerá atual, e sua novidade sempre recomeçada constituirá o reverso e a negação de um fetichismo mercantil universal” (BENSAÏD, 1999, p. 11-12).

Há saída para a crise? A barbárie ou a revolução!

Para fechar estas observações, pensei em recorrer a Marx e Engels – no *Manifesto do Partido Comunista* – sobre a derrocada do capitalismo e a construção de um novo modo de produção. Também fiquei tentado a citar Lênin e sua arguta análise sobre o *Imperialismo*, a fase decadente do capitalismo e as transformações que dele decorreram. Entretanto, resolvi recorrer a duas matérias que circularam com a eclosão da crise. Uma matéria, identificada com a direita, traz algumas passagens de Thomas Fingar, presidente do *Conselho Nacional de Inteligência* dos EUA, que vaticinou o declínio norte-americano com colorações fortes (RODRIGUES, F., 2008)²⁰. Afirma o maioral do serviço secreto do país que:

A dominação americana será muito reduzida [até 2025]. A esmagadora dominância que os EUA desfrutaram no sistema internacional nas áreas militar, política e econômica e, discutivelmente, na área cultural está erodindo e vai erodir num passo acelerado, com a exceção parcial do setor militar (FINGER apud RODRIGUES, 2008, [s.p.]).

Esboçando um quadro sombrio resultante do processo de globalização, afirma Thomas Fingar que haverá uma ampliação ainda maior dos conflitos, pois: “A distância entre ricos e pobres - internacionalmente, regionalmente – vai crescer” (FINGER apud RODRIGUES, 2008, [s.p.]). A carência de uma liderança internacional se fará sentir, pois Fingar não identifica nenhuma força emergente capaz de exercer o papel desempenhado pelos EUA no Ocidente no período pós-Segunda Guerra Mundial. Para Fingar não surgiu uma força mundial capaz de construir uma nova agenda minimamente consensual.

Também são interessantes as provocações feitas por Saul Leblon, numa perspectiva à esquerda, em matéria publicada pela Agência *Carta Maior*, em 23 de fevereiro de 2009, com o título “A esquerda enfrenta a dura carpintaria da história”²¹, na qual provoca que a esquerda sofre por apego à discussão metafísica e a conclama para o debate sobre os rumos da “carpintaria de construção da história” neste momento em que a ordem se liquefaz e o futuro nada propõe. O artigo começa duro:

Em meio às angústias que assombram trabalhadores e a classe média, emparedados entre a fatalidade de uma ordem que se liquefaz e um futuro que nada propõe exceto agonia, parte dos teóricos da esquerda agarra-se à discussão metafísica de modelos, desobrigando-se de assumir a dura carpintaria de construção da história nesse momento (LEBRON, 2009, [s.p.]).

Para o autor, “enquanto intelectuais de esquerda multiplicam as listas de que não é possível fazer—tudo, exceto o aprisco seguro de uma teoria da revolução mundial”, do outro lado – no qual alinha de Paul Krugman a Nouriel Roubini; de Ângela Merkel a Gordon Brown, de Alan Greenspan a Nicolas Sarkozy – vale tudo para manter a ordem: “da demissão em massa, à estatização de bancos; da emissão de moeda em quantidades industriais, a gastos fiscais pantagruélicos” (Idem). Com isso quer expressar que face à ameaça sofrida pelo capitalismo, vale tudo para salvá-lo, notadamente usar o Estado, suas políticas e fundos públicos “quando a escolha é salvar os dedos ou perder toda a mão invisível legada por Adam Smith” (LEBRON, 2009, [s.p.]).

Para a esquerda é necessário propor “alternativas concretas a essa transição”, por exemplo, “transformar a coordenação provisória da riqueza financeira pelo Estado em ganho permanente da sociedade”, subordinando o poder do dinheiro ao controle do Estado através da estatização do crédito (LEBRON, 2009, [s.p.]). Ao contrário da história avançar a partir de modelos, seu avanço decorre das imperfeições e do tenso entrelaçamento entre as novas forças e os velhos instrumentos. A provocação final do artigo vale a pena ser citada:

A lição parece ser que a história avança a partir de imperfeições; não de modelos desprovidos de conteúdo histórico. Movimenta-a um entrelaçamento tenso entre forças novas e instrumentos velhos, muitas vezes renovados até o ponto de mutação. A esquerda terá papel relevante na dialética da crise mundial se conseguir enxergar-se como parte desse amálgama de restrições e possibilidades cercados de ruídos e imperfeições. Se renunciar à carpintaria da história para mergulhar na busca metafísica da solução pura, a salvo de contradições, será tratorada pela desenvoltura ecumênica da força-tarefa capitalista. Mais uma vez (LEBRON, 2009, [s.p.]).

Revertendo a barbárie!

Como perguntar não ofende, sendo uma dimensão fundamental do exercício infundável de melhor entender o processo de transformação histórica, lá vai: será que não há mesmo nenhuma força social que, sob os escombros do velho modo de produção, reverta a barbárie em andamento, redirecionando a humanidade no caminho da construção de uma nova e superior civilização?

É exatamente essa discussão que a dimensão da atual crise recoloca. Marx tinha razão em prognosticar que o modo de produção capitalista seria compelido a revolucionar incessantemente a produção, a aumentar a massa de mercadorias, igualmente mercadorizando todas as coisas, todas as relações e, enfim tudo sendo transformado em mercadoria. O brutal desenvolvimento das forças produtivas, a constante transformação da produção, ampliará incessantemente a esfera de influência do capital, assim como do espaço geográfico do circuito mercantil e da acumulação de mais riquezas e mais populações participando do processo. O aumento da potência produtiva, a expansão do espaço da acumulação, a revolução técnica incessante, todo o planeta, todos os setores econômicos, todas as empresas, transformadas em monopólios e oligopólios, passam a ter seus destinos igualmente cada vez mais interrelacionados.

Apesar do avanço da barbárie, é o próprio processo de transformação em curso que também aponta para uma saída revolucionária. No continente americano, por exemplo, está ocorrendo um “ciclo muito novo e inovador... há uma sintonia territorial de esquerda, com governos progressistas e revolucionários” (LINERA, 2009, s. p.). A afirmação é do Vice-presidente da Bolívia, Álvaro García Linera, em entrevista ao *Brasil de Fato*, e que recebeu um sugestivo título: “Precisamos de uma Internacional de movimentos sociais”. Para Linera vivemos hoje um *momento germinal*:

É um momento de reconstrução plural do pensamento de esquerda, ainda primitivo. [...] Não nos desesperemos por não ter as coisas consolidadas agora... Isso vai demorar 20 anos pelo menos, depois de várias derrotas, de várias vitórias e outras derrotas. Este é um momento germinal... é um processo longo e lento, [que] vai requerer ainda várias levas de ascenso social e popular que permitam despertar toda a potência desse momento histórico, que ainda não se fez visibilizar totalmente. [...] Não esqueça que Marx usava o conceito de revolução por ondas. Elas vão e voltam, logo vêm de novo e regressam um pouco. A onda atual é das primeiras, logo haverá um pequeno refluxo à espera de uma nova onda que permitirá, a depender dos homens e mulheres de carne e osso, expandi-la a outros territórios e aprofundar as mudanças que até agora são superficiais, parcialmente estruturais (LINERA, 2009, s.p.).

Para Linera as forças populares, atualmente, estão tendo que frear o esvaziamento social, provocado pelas políticas neoliberais, ao mesmo tempo em que lutam para ampliar os direitos sociais, assumindo papel prioritário a geração da riqueza e sua distribuição. Aponta alguns dos principais movimentos que ocorrem no continente, como as experiências em curso na Argentina, no Brasil, na Venezuela e na Bolívia, nas quais se busca “um desenvolvimento diferente à economia de escala, com tecnologias alternativas, articulações de produção”. Como para ele “não há comunismo que não venha da sociedade”, pois não se implanta um novo regime por decreto, as potencialidades comunistas da sociedade ainda apresentam-se de forma dispersa, possuindo uma presença embrionária. Para ele ainda “não estamos diante de uma perspectiva de superação do capitalismo”, mas emergem “ações da sociedade que apontam para o socialismo, construído pelas próprias classes trabalhadoras”. É taxativo em afirmar que:

[...] Não é retórica falar de processos crescentes de busca de outros mecanismos de integração não baseados em regulações de mercado. O recente passo do Sucre [sistema monetário comum da Alba], como um mecanismo de pagamentos entre os países, pode ser um novo piso nessa construção de algo muito novo, que não há em nenhuma outra parte do mundo. Outro passo são as empresas gran-nacionais, pertencentes aos Estados, que darão um olhar de gestão da economia de maneira regionalizada e unicamente organizada entre os países [...] (LINERA, 2009, s.p.).

Seu entendimento é que, neste momento, é necessário superar a organização fragmentada implementada pelo neoliberalismo, pois este “reduziu as articulações a uma união via ONGs”. É preciso uma retomada dos movimentos sociais, possibilitando a eles uma articulação cada vez mais autônoma e ampliada. Taticamente entende que é hora de projetar uma internacional continental de movimentos sociais, talvez depois a nível mundial. Questionando-se quanto às reais possibilidades de retomada política da direita, afirma que:

O século 21 exige novos compromissos, maiores ações e a melhor experiência a ser resgatada está nas reflexões de Marx sobre a Primeira Internacional, onde se juntaram

partidos, sindicatos, agremiações, marxistas, anarquistas, socialistas... articulavam-se continentalmente com debilidade, mas com firmeza e vinculação de suas decisões. [...] Precisamos de um novo passo já nessa década: uma internacional de movimentos sociais com maior capacidade de vinculação em suas decisões, de mobilização desde os países e com uma agenda comum debatida continentalmente por eles para defender esse processo, para controlá-lo e radicalizá-lo (LINERA, 2009, s.p.).

Retomando o projeto estratégico de construção da sociedade comunista, volta sua atenção para a questão do projeto revolucionário, afirmando que “O sujeito revolucionário é o que faz a revolução. Não há uma predestinação para definir quem será... O que está claro é que o sujeito revolucionário vem do mundo do trabalho sob a forma de camponês, de comunário, de indígena, de operário, de jovem, de intelectual, de integrante de associações de bairros”. Para ele esse entendimento “não contradiz as reflexões de Marx”, pois o sujeito da revolução “segue sendo o mundo trabalho”, mas este “se complexificou infinitamente frente ao que ele conheceu” (LINERA, 2009, s.p.). Sua ênfase é que o comunismo não é uma idéia que tem que ser implantada, mas é uma realidade a ser construída por homens reais, em suas lutas, em suas conquistas, mas que também implicam em derrotas. É um processo contraditório com avanços e recuos, como uma maré.

Não compartilho com a alternativa político eleitoral como saída estratégica, mas reconheço que pode ser usada taticamente. Mas suas muitas questões e exemplos apontam que há possibilidades de transformação profunda de todo o modo de existir dos homens. Após as experiências tenebrosas do século XX, nas quais nenhum vestal, à direita ou à esquerda, está em condições de lançar pedra alguma, dificilmente pode-se pressupor que a revolução venha a resultar de um evento, de um golpe de Estado ou da derrubada insurrecional do poder do Estado. Reacende, porém, o entendimento da revolução como um processo de transformação, como a implosão de todo edifício social característico de velhas bases e relações marcadas pela exploração do trabalho pelo capital, com a emergência progressiva de novas e revolucionárias relações, identificadas com novas bases e fundamentos societários. Ainda nesse contexto, será necessário defender Marx e o marxismo, como bem observa Hobsbawm, em *Sobre História*, subsidiando as reflexões sobre a atualidade do marxismo:

[...] Quanto ao futuro previsível, teremos que defender Marx e o marxismo dentro e fora da história, contra aqueles que os atacam no terreno político e ideológico. Ao fazer isso, também estaremos defendendo a história e a capacidade do homem de compreender como o mundo veio a ser o que é hoje, e como a humanidade pode avançar para um futuro melhor (HOBSBAWM, 1998, p. 184).

Penso que a observação de Hobsbawm constitui uma provocação para irmos em frente, assentados na consideração de que Marx continua se constituindo uma base essencial para a análise da educação e de seu entendimento contextualizado, contribuindo com as lutas políticas e ideológicas, principalmente através da defesa de uma perspectiva histórica que não abdicou de entender como o mundo veio a ser o que é hoje e muito menos de plantar uma alternativa revolucionária para um futuro melhor. Não custa insistir: para que isso ocorra, é preciso que estratégica e taticamente busquemos a superação da lógica do capital, indissolivelmente articulada à construção de uma “educação para além do capital”, como aponta Mészáros (2005, p. 71), arrematando que:

[...] a nossa tarefa educacional é, simultaneamente, a tarefa de uma transformação social, ampla e emancipadora. Nenhuma das duas pode ser posta à frente da outra. Elas são inseparáveis. A transformação social emancipadora radical requerida é inconcebível sem uma concreta e ativa contribuição da educação [...] (Mészáros, 2005, p. 76).

Por isso tenho insistido que é preciso abrir ainda mais o debate, mantendo acesa a perspectiva de construção revolucionária de uma nova sociedade, mais justa e igualitária. É com esse projeto que, como educadores, precisamos lutar para que todos os homens tenham acesso a uma educação que os prepare para uma vida social que vá além do capital; que possibilite a todos o acesso aos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade; e, enfim, que todos os homens possam usufruir de uma educação crítica, voltada ao atendimento de toda a sociedade e centrada nos conteúdos historicamente produzidos pela humanidade, no interior de uma perspectiva política de transformação social (LOMBARDI, 2005, p. xxvii).

Bibliografia

- BARROS, Guilherme. “Para Nathan Blanche, BC agiu corretamente”. In: *Folha de São Paulo*, coluna “Mercado Aberto”, de 19 de setembro de 2008.
- BELLUZZO, Luiz Gonzaga, “A crise, trocada em graúdos”. In: *Caros Amigos*, de fevereiro de 2008, p. 14-15.
- BELLUZZO, Luiz Gonzaga, “Nada de novo”. In: *Folha de São Paulo*, Caderno Dinheiro, de 21 de setembro de 2008.
- BENJAMIN, César. “Karl Marx manda lembranças”. *Folha de São Paulo*, 20/09/2008. [<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi2009200824.htm>]. Também em [http://www.diap.org.br/index.php/artigos/5066-cesar_benjamin_karl_marx_manda_lembrancas]
- BENSAÏD, Daniel. *Marx, o Intempestivo*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1999.
- BOTTOMORE, Tom et all. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1988.
- CHITAS, Eduardo. Para restituir a palavra a Marx, a Engels e a Lénine no debate internacional. Três tópicos sobre a violência. In: *O Militante - Revista do Partido Comunista Português*. N.º 280, Janeiro / Fevereiro 2006. [<http://www.pcp.pt/publica/militant/280/p37.html>]
- ENGELS, F. Introdução de F. Engels – As lutas de classes na França de 1848 a 1850. In: MARX, K. e F. Engels. *Obras Escolhidas - Volume 1*. São Paulo : Alfa-Omega, s/d., p. 93-110.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro : Editora Nova Fronteira, [s/d].
- Folha OnLine de 19/09/2008 - 12h31 – com o título: “Intervenção em mercados é essencial para conter crise, diz Bush”. [<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u446710.shtml>]
- FOSTER, John Bellamy. The rediscovery of Imperialism. *Monthly Review*, Volume 54, Number 6. 2002. [<http://www.monthlyreview.org/1102jbf.htm>]. Versão traduzida para o português em: [http://www.resistir.info/mreview/redescoberta_do_imperialismo.html] acessado em 04 de novembro de 2008.
- FREELAND, Chrystia, “Réquiem para a era Reagan”. *Folha de São Paulo* de 20 de setembro de 2008.
- FREI BETTO. O fracasso do socialismo alemão e os desafios à esquerda. *Agen*, 195, 29/3/1990, p. 3
- FREI BETTO. O Socialismo Morreu. Viva o Socialismo. In: *Agen*, 22/2/90, p. 13
- FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro : Rocco, 1992.

GUTIÉRREZ, Alberto Anaya; LONG, Virgilio Maltos; PARGA, Rodolfo Solís. Teses sobre a crise do capitalismo e a conjuntura mundial. Comunicação apresentada no VIII Seminário “Os partidos políticos e uma nova sociedade”, promovido pelo [Partido do Trabalho](#), realizado na Cidade do México, 5-7 de Março de 2004. Original pode ser encontrado em formato eletrônico [<http://www.cubasocialista.cu/texto/viiieminario/csviii13.htm>]; traduzido para o português pode ser encontrado em [http://resistir.info/mexico/anaya_8_seminario_mar04_port.html].

HOBBSAWM, Eric. 1989 - O que sobrou para os vitoriosos. *Folha de São Paulo*, 12 novembro, 1990, p. A-3

HOBBSAWM, Eric. A crise do capitalismo e a importância atual de Marx. Entrevista de Eric Hobsbawm a Marcelo Musto. In: [http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=15253] Acessado em 30 de setembro de 2008.

LEBLON, Saul. “Capitalismo vive seu Ensaio sobre a Cegueira”. In: *Carta Maior*, de 24/11/2009, disponível em; acessado em [http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaImprimir.cfm?materia_id=15264].

LEBLON, Saul. A esquerda enfrenta a dura carpintaria da história. In: *Carta Maior*, on line, em 23 de fevereiro de 2009, disponível em: [http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=15703]

LESSA, Sérgio. “*Modo de Produção e Revolução: Lukács e Mészáros*”. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, Londrina, v. 1, n. 1, p. 66-83, jun. 2009. Acesso eletrônico pelo seguinte link: [<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/germinal/article/view/2644/2298>]

LINERA, Álvaro García Linera. “Precisamos de uma Internacional de movimentos sociais”. Entrevista a *Brasil de Fato*, 18/11/2009. Acesso: [<http://www.brasildefato.com.br/v01/agencia/entrevistas/201cprecisamos-de-uma-internacional-de-movimentos-sociais201d>].

LOMBARDI, J. C. *Globalização, pós-modernidade e educação: história, filosofia e temas transversais*. Campinas, SP : Autores Associados : HISTEDBR; Caçador, SC : UnC, 2001.

LOMBARDI, J. C., SAVIANI, Dermeval(orgs.). *Marxismo e educação: debates contemporâneos*. Campinas, SP : Autores Associados; HISTEDBR, 2005.

LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D.; SANFELICE, J. L (orgs.). *Capitalismo, Trabalho e Educação*. CAMPINAS – SP : Autores Associados, HISTEDBR, 2002.

LOMBARDI, José Claudinei & SANFELICE, José Luis (orgs.). *Liberalismo e educação em debate*. Campinas, SP : Autores Associados : HISTEDBR, 2007

LOMBARDI, José Claudinei. “Modo de produção e educação: breves notas preliminares”. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, Londrina, v. 1, n. 1, p. 43-53, jun. 2009. Acesso eletrônico pelo seguinte link: [<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/germinal/article/view/2642/2296>].

MÉSZÁROS, I. *A educação para além do capital*. São Paulo : Boitempo, 2005.

RODRIGUES, Fernando. “A erosão do império”, In: *Folha de São Paulo*, Caderno Mais, de 21 de setembro de 2008.

WOLFF, Rick. Capitalist Crisis, Marx's Shadow. In: *Mr Zine, Monthly Review*, de 26/09/2008. Acesso [<http://mrzine.monthlyreview.org/wolff260908.html>], em 27/09/2008.

WOOD, Ellen Miksin, FOSTER, John Bellamy (orgs.). *Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo*. Rio de Janeiro : Zahar Ed., 1999.

Notas

¹ Doutor em Filosofia e História da Educação. Professor do Departamento de Filosofia e História da Educação, da Faculdade de Educação da UNICAMP. Coordenador executivo do Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” – HISTEDBR. Email: icl_zezo@hotmail.com

- ² Lat. crise < Gr. Kρίσις. Alteração, desequilíbrio repentino; estado de dúvida e incerteza; tensão, conflito (Cunha, 1986, p. 228). Manifestação violenta e repentina de ruptura de equilíbrio; Fase difícil, grave, na evolução das coisas, dos fatos, das idéias; Tensão, conflito; Transição entre uma época de prosperidade e outra de transição; situação de um governo que encontra dificuldades muito graves em se manter no poder; Situação grave nos acontecimentos da vida social, etc. (Ferreira, [s.d.], p. 402).
- ³ Essas são as expressões cunhadas por Saul Leblon, em matéria publicada na revista Carta Maior, de 24/11/2009, sob o título “Capitalismo vive seu Ensaio sobre a Cegueira”, acessado em [http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaImprimir.cfm?materia_id=15264].
- ⁴ A exposição que segue sobre a crise sintetiza, em linhas gerais, o texto de GUTIÉRREZ, Alberto Anaya, Virgilio Maltos Long e Rodolfo Solís Parga. Teses sobre a crise do capitalismo e a conjuntura mundial. Comunicação apresentada no VIII Seminário “Os partidos políticos e uma nova sociedade”, promovido pelo Partido do Trabalho, realizado na Cidade do México, 5-7 de Março de 2004. Original pode ser encontrado em formato eletrônico [<http://www.cubasocialista.cu/texto/viiieminario/csviis13.htm>] e também em [http://resistir.info/mexico/anaya_8_seminario_mar04_port.html].
- ⁵ *Chicago Boys* foi o denominação dada ao grupo de jovens economistas chilenos que formularam a política econômica da ditadura do general Augusto Pinochet, implementando no Chile o receituário neoliberal da Escola de Chicago, difundido uma década depois pelas medidas de Margaret Thatcher. Esse grupo se formou em economia na Pontifícia Universidade Católica do Chile, depois realizando estudos pós-graduados na Universidade de Chicago.
- ⁶ O artigo de Francis Fukuyama "The end of history" apareceu em 1989, na revista norte-americana *The national interest*; Em 1992 ocorreu o lançamento do livro *The end of history and the last man*, editado no Brasil no mesmo ano com o título “O fim da história e o último homem” (Fukuyama, 1992).
- ⁷ Impossível dar conta da multiplicidade dessa produção que tem circulado em livros e revistas impressas e digitais. É preciso registrar, entretanto, que há acúmulo de textos de excelente qualidade e que, de modo plural, contribuem para ampliar o debate analítico para o atual contexto histórico de crise estrutural do modo capitalista de produção, com múltiplas indicações de perspectivas e saídas para a construção de novas relações societárias.
- ⁸ Frase de Guilherme Barros, na matéria “Para Nathan Blanche, BC agiu corretamente”, publicada na coluna “Mercado Aberto”, da Folha de S.Paulo de 19 de setembro de 2008.
- ⁹ Informação publicada na Folha OnLine de 19/09/2008 - 12h31 – com o título: “Intervenção em mercados é essencial para conter crise, diz Bush”. [<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u446710.shtml>]
- ¹⁰ Chrystia Freeland, do "Financial Times", no artigo “Réquiem para a era Reagan”, reproduzido na Folha de S.Paulo de 20 de setembro de 2008.
- ¹¹ A imprensa brasileira também noticiou o assunto, por exemplo pode-se verificar o conteúdo de matéria on line, de 14/02/2009, pelo site do Estadão, com o título “Congresso aprova plano anticrise; Obama elogia ‘conquista real’”, acessada pelo seguinte endereço eletrônico: http://www.estadao.com.br/economia/not_eco323852.0.htm
- ¹² Matéria on line, de 10/02/2009, pelo site do Estadão, com o título “Entenda o novo plano dos EUA para resgatar bancos”, acessada pelo seguinte endereço eletrônico: <http://www.estadao.com.br/noticias/economia,entenda-o-novo-plano-dos-eua-para-regatar-bancos,321553,0.htm>
- ¹³ Os trechos estão na matéria "Wall Street não afundou", afirma Soros, publicada no caderno Dinheiro, da Folha de S. Paulo de 20 de setembro de 2008.
- ¹⁴ Carta Maior. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/templates/index.cfm?alterarHomeAtual=1> Acesso em 22 de setembro de 2009.
- ¹⁵ Matéria intitulada “Soros não vê fundo do poço do colapso financeiro mundial”, na Sessão *Economia*, no site do Jornal O Estado de São Paulo, Disponível em: http://www.estadao.com.br/economia/not_eco327883,0.htm Acesso em: 22/02/2009.
- ¹⁶ Luiz Gonzaga Belluzzo, “Nada de novo”. Folha de S. Paulo, Caderno Dinheiro, de 21 de setembro de 2008.
- ¹⁷ César Benjamin, “Karl Marx manda lembranças”. Folha de S.Paulo, 20/09/2008. [<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi2009200824.htm>]. Também em vários sites, como por exemplo: [http://www.diap.org.br/index.php/artigos/5066-cesar_benjamin_karl_marx_manda_lembrancas]
- ¹⁸ Trata-se do artigo de Rick WOLFF, Capitalist Crisis, Marx's Shadow, publicado em Mr Zine, Monthly Review, de 26/09/2008. Acesso [<http://mrzine.monthlyreview.org/wolff260908.html>], em 27/09/2008.
- ¹⁹ Essa entrevista de Eric Hobsbawm a Marcelo Musto, intitulada “A crise do capitalismo e a importância atual de Marx”, foi publicada na *Carta Maior*, em 29 de setembro de 2008, e encontra-se disponível em: [http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=15253]
- ²⁰ A matéria leva o sugestivo título “A erosão do império”, assinada por Fernando Rorigues, que traz trechos de conferência de Fingar a agentes e analistas do setor de informações norte-americano. Foi publicada no Caderno Mais, da Folha de S. Paulo de 21 de setembro de 2008.
- ²¹ O artigo de Saul LEBLON, “A esquerda enfrenta a dura carpintaria da história”, encontra-se disponível em: [http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=15703].